

PROJETO “SINAIS NO CAMINHO”

Maria Helena de Oliveira*

*“Enquanto a sociedade feliz não chega,
que haja pelo menos fragmentos de futuro
em que a alegria é servida como sacramento,
para que as crianças aprendam que o mundo
pode ser diferente. Que a escola, ela mesma,
seja um fragmento de futuro...”*

Rubem Alves

INTRODUÇÃO

Há 10 anos aproximadamente, assumi, numa escola particular em São Bernardo do Campo, (recém-formada, em Pedagogia e no Magistério) duas salas (3ª e 4ª série – uma por período), e uma delas contava com dois alunos muito especiais, um surdo, que fazia uso de sinais, e um deficiente mental, sem diagnóstico definido, mas que tinha rompantes de agressividade e não mantinha um relacionamento sociável com os colegas, entre outras dificuldades. Recorri à direção da escola, a fim de saber qual era o projeto de trabalho pretendido para estes alunos... Surpresa !!! Era o que eu pudesse fazer, desde que abordasse os conteúdos identificados pela Escola, atingindo os objetivos.

No decorrer do ano, minha angústia crescia, pois eu não conhecia os sinais utilizados pelo aluno surdo e ele usava um sinal para referir-se a mim que depois foi traduzido pela mãe como o sinal utilizado para referir-se às tartarugas. Era isso!! Era assim mesmo que eu me sentia em relação à compreensão do que ele podia me dizer, uma tartaruga ! Quanto ao outro, a comunicação era possível, ainda que cerceada por dificuldades, entre elas uma família que era contra apoio ou tratamento psicológico; logo, meu conhecimento sobre suas dificuldades eram limitados e fiz o que pude!

O tempo passou e, em 1992, ingressei no serviço público, como professora de Educação Infantil, hoje, acrescido pela função de professora de Ensino Fundamental, e nunca perdi de vista, o fascínio, o desejo de conhecer, estudar e conversar com aqueles que um dia não pude ajudar muito em sua compreensão de mundo: os surdos.

Em 1999, ao retornar de licença gestante (nesta época, estava concluindo meu curso de Psicopedagogia na UMESP, e também não encontrei subsídios para o trabalho com a inclusão), assumi uma 2ª série e tinha como vizinha de sala uma 1ª série, que contava com um aluno surdo, que não era usuário de sinais, tampouco de Português,

*Pedagoga e Psicopedagoga.

Professora dos municípios de Santo André e São Bernardo do Campo.



Para memorizarmos o alfabeto manual e algumas palavras (e respectivos sinais) usamos ABC da Xuxa (na sala, construímos o nosso alfabeto. A apresentação despertou muito interesse. (Eu, ao microfone!)

e aquela situação me chamou a atenção, pois o apoio dado à professora era superficial e pouco freqüente. Algumas vezes, quando questionada sobre a sua forma de comunicar-se com aquele aluno, respondia:

“Acho que é Deus que ajuda, viu !? Porque a gente vai tentando aqui e ali e acaba se entendendo!”

Isso me angustiava, pois eu sabia que os surdos tinham a sua língua materna. Aquele que me apelidou de tartaruga havia demonstrado claramente isso, a professora



Meus alunos, aprendizes de Libras, amigos dos surdos



Grupo de estudo (profissionais da rede municipal – monitores de creche, professores, aux. ad; cozinheira), aos sábados

sabia desta possibilidade, mas não sabia por onde começar, já que a família, o aluno e outros personagens do meio social deste aluno não eram orientados de maneira ativa e sistemática para a importância deste trabalho.

O ano acabou e, em 2000, esta sala passou a ser minha. Em meados de março/abril, iniciou-se, oferecido pela Prefeitura, um curso de formação em Libras, além de um encontro bimestral para abordar dificuldades e avanços destes alunos (surdos). No curso, percebi que as minhas ansiedades não diminuiram, pois eu ainda não conseguia ter instrumentos para auxiliar aquele aluno. Então resolvi procurar a FENEIS, onde ainda estudo e venho buscando ampliar meus estudos e conhecimentos sobre o assunto.

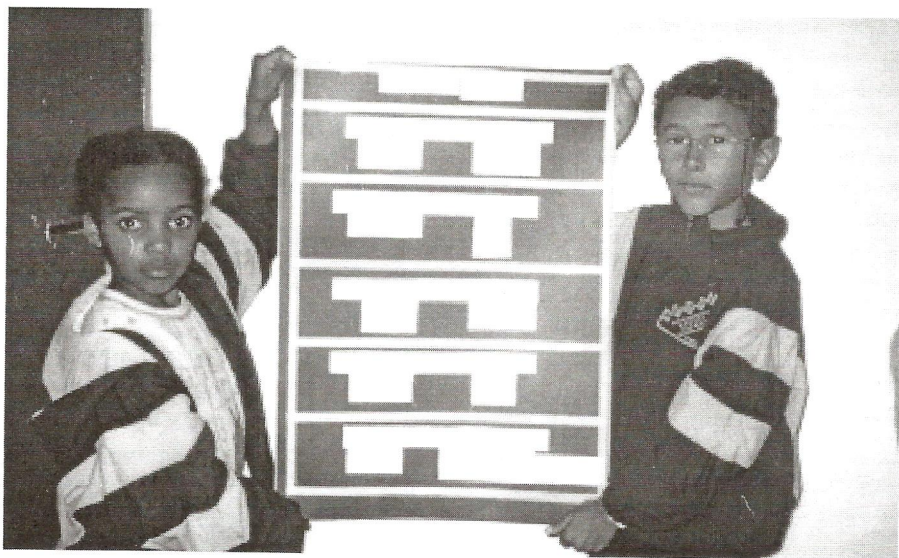
Além disso, procurei bibliografias sobre o assunto, sites da Internet, livros, teses, entre outros recursos, pensando na melhor maneira de auxiliar e organizar o trabalho com este aluno.

No cotidiano, fui identificando minhas dificuldades e concluindo que não bastaria que eu e o aluno (que prefiro manter oculto seu nome) soubéssemos linguagem de sinais, já que estávamos num meio onde seria importante que todos o compreendessem e que ele compreendesse a todos, mas isto deveria ocorrer em sua língua materna, assim que ele se apropriasse da mesma.

Este trabalho foi ganhando força, até que, em abril, recebi nesta sala um aluno que fora "convidado a retirar-se" de uma escola estadual, por causa de seus comportamentos inadequados. Tinha um histórico de agressões a professores, colegas, além de colocar em risco a integridade física dos outros e a própria. Então o trabalho teve que ser reestruturado, pois realmente havia um diagnóstico de hiperatividade, além de uma imensa dificuldade em expressar emoções e sentimentos,

muitas vezes demonstrados de maneira violenta. Deveria fazer uso de medicação (segundo médico e psiquiatra), mas esta ainda não estava sendo utilizada de maneira adequada; logo, esta sala, que já contava com alguns casos que demandavam uma atenção individualizada e constante, teve que contar com uma nova dinâmica (sala de 30 alunos, com apenas sete alfabetizados no mês de abril; o restante ainda demandava todo um trabalho de alfabetização desde as suas etapas iniciais).

O ano transcorreu com dificuldades e, ao final do ano, esta sala deixou de ser minha, mas percebi que o trabalho não poderia sofrer um rompimento e que seria necessário um projeto maior, algo que envolvesse não apenas um grupo de alunos, os colegas da sala por exemplo, mas que envolvesse outros grupos, professores, pais, alunos da escola, comerciantes da região, enfim.



A produção final de texto e sinalização ficou no painel central da escola, para contato frequente de toda a comunidade

Parto do seguinte princípio: se LIBRAS é a língua do surdo, esta tem que ser conhecida por todos – alunos, professores, funcionários, comerciantes, hospitais, delegacias etc. – conhecida, utilizada (se necessário) e respeitada, pois trata-se da língua utilizada por um grupo de CIDADÃOS, que não ouve, mas que tem todos os direitos que qualquer cidadão tem, apesar de sermos tratados como as convenções sociais, a mídia e os valores que um pequeno grupo define. Isto ocorre com nordestinos, negros, obesos, homossexuais, entre outras tantas classes, como com os que têm orelha de abano, os que têm pé grande, canelas finas etc., ou seja, ao vislumbrarmos a nossa sociedade e sua estrutura, causa-nos a impressão que os direitos são para todos, TODOS os que se enquadram nos moldes predominantes, o que significa que a maioria de nós somos excluídos. Se assim o é, só nos resta fazer a nossa parte, assumindo a nossa parcela de culpa e responsabilidade por este estado social.

"O FATO É QUE A SOCIEDADE E A EDUCAÇÃO NÃO ESTÃO DEVIDAMENTE PREPARADAS PARA ATENDER TANTO AQUELES PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS, COMO OS CARENTES, EXCLUÍDOS, SEM FAMÍLIA, SEM EMPREGO, SEM OPORTUNIDADES DE TRABALHO E ASSIM POR DIANTE."

E mesmo sem este preparo, não podemos cessar de buscar caminhos alternativos, para conquistar transformações no quadro em que nos encontramos de banalização à cultura, à arte, ao sofrimento, à pobreza, ao descaso político e de desorganização social.

DESENVOLVIMENTO

"Uma escola criativa adapta-se às necessidades institucionais, sociais da demanda ao valorizar a participação dos professores e alunos."
M.^a Helena Novaes

A escola onde desenvolvo este projeto conta com 22 salas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, além de contar com três salas de educação de jovens e adultos (duas no ensino noturno e uma no período vespertino), atendendo, em média, 700 alunos ao todo.

Trata-se de uma comunidade de classe baixa, com poucas opções de cultura e lazer, restringindo-se estas às visitas a parentes, ir às igrejas e assistir televisão, em sua maioria.

A escola conta com dois surdos no período da manhã (crianças – uma de Educação Infantil e uma do Ensino Fundamental) e um surdo adolescente, na educação de Jovens e Adultos.

A maioria dos professores desconhece sinais, até mesmo o Alfabeto Manual, mas concordou e colocou-se à disposição para tornar o projeto algo real e promissor, até porque já contam com um grande número de perguntas e curiosidades de seus alunos, que têm observado que o espaço da escola vem ganhando algumas modificações!

Quanto aos alunos, preciso ressaltar como tem sido maravilhoso contar com o interesse e a disposição em aprender cada sinal; trata-se da valorização da diversidade acontecendo de maneira prática, real. É o exercício de respeito ao próximo, mas não um próximo "distante, inexistente, abstrato", mas alguém que existe e tem dificuldades palpáveis, se não fizermos a nossa parte. Estas ações vem despertando comentários em casa, por parte dos alunos, o que resulta em curiosidade e interesse dos pais, facilitando os passos seguintes de nosso trabalho.

Ressalto, que a disposição da direção em abraçar a causa, mesmo sendo algo que desconhece, tem favorecido muito o andamento do projeto.

Esclareço, ainda, que estas etapas do projeto ocorrem de maneira paralela: são ações simultâneas, interdependentes, que resultarão numa conquista para toda a comunidade. Pelo menos, é o que eu espero!!!

PLANO DE AÇÕES

1. ALUNOS DA SALA	2. PROFESSORES DA ESCOLA	3. ESPAÇOS DA ESCOLA
<ul style="list-style-type: none"> ◆ Todo mundo fala e pensa do mesmo jeito? ◆ Quem fala diferente? E por quê? ◆ O que são sinais? ◆ Para que servem ? ◆ Como falavam os surdos antes ? <p>Alfabeto Manual</p> <p>A partir do trabalho desenvolvido nas diversas áreas do conhecimento, sinalização de poesias, músicas, listagens, para apresentação na escola, para outras salas, para pais e comunidade, difundindo a importância em conhecer este assunto</p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ Dramatização (Inclusão do Surdo – desafios e conquistas) ◆ Exposição de textos, poesias e músicas produzidos em português e em sinais; ◆ Jogos, brincadeiras e desafios com a utilização de alfabeto manual e dos sinais em geral; ◆ Uso no cotidiano em situações comuns, como uso de banheiros, uso de materiais, ir ao bebedouro etc. 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Formação básica, em hora-atividade, uma vez por semana, com abordagem histórica, social, legislação e atualidades sobre os surdos. Isto ocorrerá no período da manhã e será filmado para que os professores dos outros períodos possam ter formação similar. ◆ Isto visa sanar dúvidas e curiosidades surgidas no cotidiano, pelos alunos. As questões mais teóricas serão tratadas de maneira mais objetiva, em função das demandas do cotidiano sobre o assunto. ◆ Vários textos serão entregues para atualização dos professores. 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Os espaços coletivos da escola serão sinalizados, com placas nas portas, com ilustração e o sinal (reforço visual). ◆ Cada sala de aulas contará com um alfabeto manual, ampliado para contato visual e consulta frequentes. ◆ Além disso, os professores, em suas salas, estarão fixando placas com os sinais relativos ao assunto abordado, o que enriquecerá o repertório de sinais dos alunos, bem como facilitará a troca de materiais produzidos entre os professores. ◆ Ainda contaremos com a exposição, nos painéis externos, de textos produzidos em português e em sinais, para comparação e melhor fixação.

4. ALUNOS DA ESCOLA (INF. E FUND.)	5. PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS DA REDE	6. PAIS E COMUNIDADE
<ul style="list-style-type: none"> ◆ Além do trabalho realizado em cada grupo, em particular, com alfabeto manual e sinais relativos ao tema abordado, ainda estaremos promovendo encontros periódicos, onde apresentaremos algumas de nossas produções nas salas, sejam elas textos, poemas ou outros. ◆ Neste momento estaremos realizando uma troca de conhecimentos entre os grupos, além de reforçarmos sinais conhecidos, ao apresentarmos sinais novos. ◆ As festas e eventos também contarão com apresentações em sinais. 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Para difundir ainda mais este projeto, divulgou-se pela rede que estaríamos fazendo um Grupo de Estudo sobre LIBRAS (gratuito, pois meu trabalho aqui é voluntário!), com carga horária de 20 horas, aos sábados, de manhã, (à tarde, estou na FENEIS) e, para minha surpresa, a procura foi muito grande – já estamos na metade do trabalho. ◆ Há uma lista de espera para o próximo grupo, que trará outros tantos professores interessados. (Contamos com uma cozinheira, monitores de creche e auxiliares administrativos em nosso grupo!) ◆ Em pesquisa prévia, percebi um grande interesse – em função dos alunos surdos que estão chegando às escolas regulares – muita vontade, mas há o desconhecimento de onde procurar ajuda! 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Apresentação dos trabalhos realizados pelos alunos, em eventos, festas e reuniões; ◆ Abordagem sobre o assunto em reuniões de pais; ◆ Participação dos pais do Conselho nos próximos grupos de estudo – a eleição ainda não havia ocorrido, por ocasião do início do grupo anterior. ◆ Formação de grupo de estudo, com pais e comunidade interessados.

Parte destas ações já está acontecendo, entre elas:

- o trabalho com os alunos já está na fase de produções de textos, sinalizados e apresentados à escola e aos pais e estamos agilizandando a visita a outras escolas;
- o grupo de estudo já está na metade de sua carga horária prevista (o próximo já está programado);
- o trabalho de sinalização da escola já foi iniciado;
- a formação com os professores também já está acontecendo;
- o grupo de estudos com os pais ocorrerá quando os professores de cada turma já estiverem em condições de responder às dúvidas e curiosidades também destes membros da comunidade;
- as visitas às atividades comerciais e a outros espaços da região, demandam o andamento do trabalho em História e Geografia, onde estudamos as condições de vida do bairro, seus problemas; a partir desta análise é que estaremos visitando os espaços em pequenos grupos, para melhor realizar cada encontro.

Ainda faltam apresentar, as ações de dois momentos:

COMUNIDADE – COMÉRCIO E OUTROS	OUTRAS ESCOLAS DA REGIÃO
<ul style="list-style-type: none">◆ Após um estudo do bairro, identificando seus problemas e seus pontos positivos também, estaremos fazendo um levantamento de suas atividades comerciais, postos de saúde, escolas profissionalizantes, entre outros lugares, e organizaremos listagens onde serão identificadas as palavras comuns em cada um destes espaços;◆ Estaremos, então, em pequenos grupos, organizando cartazes com estas palavras e sinais e solicitando autorização dos proprietários para fixar nestes espaços estas informações, além do alfabeto manual e de panfletos que abordem informações sobre o assunto.	<ul style="list-style-type: none">◆ Considerando que estas informações podem ultrapassar os muros da escola, temos um anseio maior, que é o de divulgar este trabalho por outras escolas; para isso, nos deparamos com a dificuldade de transporte de nossa turma para realização deste trabalho;◆ Almejamos, ainda, conhecer uma escola de surdos e experimentar este contato, onde certamente a troca de experiências será ainda maior e muito gratificante, pois os alunos perceberão o quanto ainda há para aprender, basta pensar nos CLASSIFICADORES!!! E quem sabe este desejo desperte, no futuro, intérpretes apaixonados.

Destaco a importância de reavaliar constantemente nossas ações, a fim de que possamos dar novos encaminhamentos ao projeto, caso alguma ação prevista não esteja trazendo os resultados almejados.

Ressalto que a ausência de material didático, pedagógico, é um impedimento para a diversidade do trabalho, mas temos encontrado algumas alternativas, ainda insuficientes para complementar nosso trabalho. Destaco também que a questão tempo é outro fator de peso, já que não tenho organizado outros grupos de estudo, por falta de tempo hábil, para fazer este trabalho a contento.

Sabendo que este é um trabalho que demanda pesquisa, aprofundamento e organização, para que o assunto não seja tratado com superficialidade, tenho consciência que não pode ser um trabalho solitário, mas solidário, e para isso tenho contado com uma equipe que cresce a cada dia. São professores, funcionários, alunos, pais e outros profissionais, que têm percebido que este trabalho é possível, prazeroso e os resultados, promissores, capazes de fazer qualquer cidadão pensar sobre sua condição presente, condição esta que lhe confere o poder de fazer a sua parte, por si mesmo, pelo outro e pelo meio em que vive.

Referências Bibliográficas:

- ALVES, Rubem. *Estórias de quem gosta de ensinar*. São Paulo. Ed. Ars Poéticas. SP, 1995
- FENEIS – Publicações : ano II, n.º 8, out./dez – 2000 - Ano III, n.º 9, jan./março – 2001
- MOURA, M. C. *O surdo: caminhos para uma nova identidade* – Programa de estudos Pós-graduados em Psicologia Social (Doutorado) – São Paulo, 1996
- TONUCCI, Francesco. *Com olhos de criança*. Porto Alegre. Artes Médicas, 1997.
- ESPAÇO – Informativo Técnico Científico do INES – n.º 14. Dezembro/2000.